



**UNIQ FACULDADE DE QUIXERAMOBIM
CURSO BACHARELADO EM FISIOTERAPIA**

NAIARA REIS DE SOUSA

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO, CLÍNICO E FUNCIONAL DE ADULTOS JOVENS E
IDOSOS PÓS-AVC NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

QUIXERAMOBIM-CE

2022

NAIARA REIS DE SOUSA

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO, CLÍNICO E FUNCIONAL DE ADULTOS JOVENS E
IDOSOS PÓS-AVC NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de conclusão de Curso– Artigo Científico – apresentado como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Fisioterapia pela faculdade de Quixeramobim - UNIQ,

Orientadora: Herta Janine B. Costa

QUIXERAMOBIM-CE

2022

NAIARA REIS DE SOUSA

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO, CLÍNICO E FUNCIONAL DE ADULTOS JOVENS E IDOSOS PÓS-AVC NO NORDESTE DO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Trabalho de conclusão de curso no formato de artigo Científico, submetido a coordenação do curso de Fisioterapia da Faculdade de Quixeramobim, para obtenção de grau de Bacharelado.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Herta Janine Batista Costa
Presidente e Orientadora

Francisco Bezerra de Oliveira Junior
Membro examinador

Rafaela Faustino Lacerda de Souza
Membro examinador

QUIXERAMOBIM – CE

2022

S725 Sousa, Naiara Reis de

Perfil epidemiológico, clínico e funcional de adultos jovens e idosos PÓS-AVC no nordeste do Brasil: uma revisão integrativa. / Naiara Reis de Sousa-2022.

21 f.: s. il.; 30cm

Orientador: Prof.^a. Me. Herta Janine Batista Costa

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Fisioterapia)

-Faculdade de Quixeramobim - UNIQ, Quixeramobim, 2022.

1. Acidente vascular cerebral 2. Epidemiologia 3. Funcionalidade 4. Jovens
5. Idosos 615.82

“Que os nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos que as grandes proezas da história foram conquistadas daquilo que parecia impossível.” Charlie Chaplin.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	8
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
4. CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	17

RESUMO

Introdução: O AVC é uma das patologias com maior taxa de mortes e incapacidades no mundo, atingindo muitos idosos. Em jovens a doença teve um aumento de casos nas últimas décadas, o que traz grandes impactos para o indivíduo e a sociedade, devido as sequelas físicas, funcionais e emocionais, A etiologia da doença está associada a vários fatores de risco modificáveis que estão expondo essa faixa etária cada dia mais precocemente ao AVC. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico, clínico e funcional de adultos jovens e idosos pós-AVC no nordeste do Brasil: uma revisão integrativa. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma pesquisa por meio de revisão integrativa da literatura, que visa a análise de artigos anteriores, com perfil de pacientes com AVC, buscando identificar o perfil funcional, clínico e epidemiológico dos pacientes jovens adultos e idosos com a patologia. Os artigos para coleta de dados foram selecionados nas bases de dados: LILACS, PubMed, SciELO. **Resultados e discussões:** Com bases nos estudos selecionados é notado um número elevado de casos na região nordeste, onde é visto um aumento gradativo na região, quanto ao sexo, dos dois estudos que abordam o AVC em jovens identificou a maior incidência de casos em mulheres, na população idosa 5 dos 7 artigos que abordam essa faixa etária, descrevem uma porcentagem maior de caso no sexo masculino. Em relação ao tipo de AVC 100% dessa pesquisa identificou, o tipo de AVC com mais casos, o AVC do tipo isquêmico. Sobre as características clínicas, dois artigos abordam resultados, e a prevalência de indivíduos com hemiplegia, hemiparesia, disfagia e disartria. **Conclusão:** O presente estudo constatou que as pessoas mais afetadas são, idosos do sexo masculino, o tipo de AVC mais prevalente foi o isquêmico, os fatores de risco identificados, são hipertensão, etilismo, cardiopatias, tabagismo, sedentarismo e diabetes. Quanto as sequelas, a pesquisa identificou que a prevalência e a hemiparesia, hemiplegia, disartria, afasia e disfagia.

Palavras chave: Acidente vascular cerebral. Epidemiologia. Funcionalidade. Jovens. Idosos.

ABSTRACT

Introduction: Stroke is one of the diseases with the highest rates of death and disability in the world, affecting many elderly people. The etiology of the disease is associated with several modifiable risk factors that are exposing this age group to stroke earlier and earlier. **Objective:** To describe the epidemiological, clinical and functional profile of young adult and elderly stroke patients seen in the Northeast of Brazil. **Methodology:** This study is an integrative literature review, which aims to analyze previous articles with a profile of stroke patients, in order to identify the functional, clinical and epidemiological profile of young adults and elderly patients with stroke. The articles for data collection were selected in the databases: LILACS, PubMed, SciELO. **Results and discussions:** Based on the selected studies is noted a high number of cases in the northeast region, where it is seen a gradual increase in the region, As for gender, of the two studies that address the stroke in young people identified the highest incidence of cases in women, in the elderly population 5 of the 7 articles that address this age group, In relation to the type of stroke 100% of this research identified the type of stroke with more cases, the ischemic stroke, About the clinical characteristics, two articles address results, and the prevalence of individuals with hemiplegia, hemiparesis, dysphagia and dysarthria. **Conclusion:** The present study found that the most affected people are elderly males, the most prevalent type of stroke was ischemic, the identified risk factors are hypertension, alcoholism, heart disease, smoking, sedentary lifestyle and diabetes. As for the sequelae, the research identified the prevalence of hemiparesis, hemiplegia, dysarthria, aphasia and dysphagia.

Key words: Stroke. Epidemiology. Functionality. Young people. Elderly.

1. INTRODUÇÃO

O acidente vascular cerebral (AVC), encontra-se entre as doenças que mais acomete a população Brasileira. É definido com uma disfunção aguda neurológica com origem vascular que ocorre devido à interrupção do fluxo de sangue para o encéfalo (ALBUQUERQUE et al., 2020). Existem dois tipos de manifestação do AVC: o isquêmico que ocorre pela falta de sangue em uma área do encéfalo e o hemorrágico causada por meio do rompimento de uma artéria ou vaso sanguíneo (DAMATA et al., 2016).

A forma isquêmica é mais frequente, com cerca de 80% dos casos, entretanto sua taxa de mortalidade é menor, comparado ao hemorrágico (ALMEIDA; VIANNA, 2018). A organização mundial de saúde (OMS) considerou em 2015 o AVC a segunda maior causa de morte no mundo, com cerca de 6.4 milhões de óbitos, estando atrás somente das cardiopatias isquêmicas (FARIAS; ALMEIDA, 2019). Durante a vida estima-se que de 4 pessoas maiores de 25 anos, 1 terá AVC. No Brasil foram registrados em 2018 no sistema único de saúde (SUS) 197 mil atendimentos por conta da doença (FEREZIN; CASTRO; FERREIRA, 2020).

O AVC é uma das patologias de maior causa de sequelas permanentes, e uma das maiores doenças que gera incapacidades funcionais (JUNIOR; LIMA; SILVA, 2016). Após a ocorrência do AVC cerca de 50% dos acometidos sobrevivem com déficit motores e neurológicos, o que faz esses pacientes adquirirem certo grau de dependência (DAMATA et al., 2016). A Pesquisa Nacional de Saúde mostrou que ¼ dos pacientes ficam com incapacidades graves (BAPTISTA et al., 2018).

Os sinais e sintomas mais observados são: hemiplegia, paralisia facial, perda súbita de visão, dor de cabeça intensa, afasia, desequilíbrio, alterações na sensibilidade e mudança de comportamento (ALVES et. al., 2019). O desconhecimento e negligência desses sinais e sintomas indicativos e a escassez para assistência preventiva e tratamento por meio de políticas públicas de saúde são fatores que devem ser levados em conta para as doenças cerebrovasculares serem uma das principais causas de mortes nos pais de baixa e média renda, nessa categoria encontra-se o Brasil (MOURÃO et al., 2017).

Existe muitos impactos para os jovens adultos acometido por AVC, familiares e econômicos. Tal fato ocorre por conta das consequências da doença que causam sequelas físicas, funcionais e emocionais, pois essas pessoas estão em idade

economicamente ativa e acabam ficando limitadas, muitas vezes até mesmo para atividades simples da rotina do dia a dia e com isso em muitos casos há a necessidade da aposentadoria por invalidez, os custos do tratamento do AVC em jovens são altos, e por períodos longos já que essas pessoas vão viver muitos anos com as sequelas da doença (ALVES; SANTANA; AOYAMA, 2020).

O AVC em jovens adultos é considerado um evento incomum, entretanto não deve ser desprezado (FARIAS; ALMEIDA, 2019). Estudos mostram um aumento de casos de AVC em pessoas mais novas com idade menor de 45 anos nas últimas décadas. A etiologia da patologia nesse público pode estar associada a vários fatores de risco modificáveis que estão expondo essa faixa etária cada dia mais precocemente ao AVC (ALVES; SANTANA; AOYAMA, 2020). A hipertensão arterial (HA) e o sedentarismo são as causas mais presentes para a ocorrência da doença em jovens (FARIAS; ALMEIDA, 2019).

Com o passar das décadas é evidenciado grandes mudanças nos fatores de riscos para o AVC, a idade é um fator de grande relevância nessas mudanças, a cada ano é notado um número maior de jovens adultos que desenvolveram o AVC, além do número de idosos com a doença estar aumentando, sabe-se que fatores como a rotina estressante e corrida, o consumo maior de álcool, comidas industrializadas, e com grande quantidade de agrotóxicos, sedentarismo, obesidade e o consumo de drogas são atualmente grandes vilões para o desenvolvimento da doença.

O estudo será de grande importância para analisar esses fatores presentes no AVC e com base nele, podem ser criadas estratégias de prevenção e proteção para tentar atenuar a ocorrência da Patologia, visto que a quantidade de indivíduos acometidos pela doença vem aumentando, e com isso a um impacto na economia devido os gastos com internação, e em decorrência das limitações geradas pelas sequelas da enfermidade. Sendo assim, esse estudo tem como objetivo descrever o perfil epidemiológico, clínico e funcional de adultos jovens e idosos pós-AVC no nordeste do Brasil: uma revisão integrativa

2. METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma pesquisa por meio de revisão integrativa da literatura, que visa a análise de artigos anteriores, com perfil de pacientes com AVC, buscando

identificar o perfil funcional, clínico e epidemiológico dos pacientes jovens adultos e idosos com a patologia.

Os critérios de inclusão foram, estudos em inglês ou português, publicados entre os anos de 2017 e 2021, realizados nos hospitais, clínicas e centros de reabilitação no nordeste do Brasil, que citam os fatores de risco para o AVC, perfil epidemiológico perfil clínico e perfil funcional dos pacientes com a enfermidade, com pacientes acima de 18 anos, incluindo somente jovens de 18 a 50 anos , idosos a partir dos 50 anos ou ambas as faixas etárias. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão da literatura, estudos de casos, estudos que não foram divulgados de forma completa, que citassem apenas o tratamento para o AVC, estudos que descrevessem pacientes em reabilitação e artigos de outras regiões do Brasil.

A seleção dos artigos iniciou com uma pesquisa nas bases de dados, LILACS, PubMed, SciELO. Foram utilizados os seguintes descritores: AVC e Epidemiologia, perfil funcional e AVC, AVC e hospitais, e seus respectivos termos em inglês. Inicialmente foram encontrados 834 estudos, tendo em vista a quantidade de artigos encontrados foi aplicado filtro, considerando apenas os artigos dos últimos cinco anos, restando 278 artigos, depois foi feita uma análise, obedecendo os critérios de inclusão e exclusão e foram selecionados 13 estudos. Os artigos selecionados foram submetidos a leitura seletiva e analítica, por dois examinadores, sendo a amostra final desta pesquisa integrativa constituída por 8 artigos científicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 8 artigos que abordam o perfil epidemiológico, clínico e funcional de pacientes jovens adultos e idosos, acometidos por AVC atendidos no nordeste do Brasil publicados nos últimos cinco anos, descritos abaixo (ver tabelas 1 e 2).

Tabela 1. Categorização dos artigos incluídos nesta revisão

Autor	Ano	Objetivo	Tipo de estudo
Araújo, Assis e Belchior	2018	Avaliar a funcionalidade de pacientes com sequela de AVC, em duas cidades no interior da Paraíba	Pesquisa de campo com características descritivas
Barbosa et. Al	2021	Traçar um perfil epidemiológico dos pacientes com AVC no nordeste do Brasil no período de 2010 a 2019.	Estudo retrospectivo e longitudinal.

Autor	Ano	Objetivo	Tipo de estudo
Caroline; Trigueiro e Gagliardi	2019	Analisar o perfil clínico e funcional de pessoas acometidas por AVC, que são atendidas em um hospital público no sertão de Paraíba.	Estudo transversal, com amostra não probabilística e por conveniência
Farias e Almeida	2019	detectar as características epidemiológicas, clínicas e tratamento ofertado a jovens com acidente vascular cerebral em um hospital público de referência em Fortaleza	Pesquisa do tipo documental, transversal e de campo
Gonçalves, Feitosa e Borges	2019	Detectar o perfil epidemiológico de pacientes vítimas de AVC em um Hospital de Referência no município de Fortaleza/Ceará.	Pesquisa documental, descritiva com abordagem quantitativa
Macedo et. Al	2019	Traçar o perfil epidemiológico, a funcionalidade e o grau de independência de indivíduos acometidos por AVC em um centro de referência do sertão paraibano	Pesquisa de campo, observacional, transversal e de caráter quantitativo
Melo et al	2019	Avaliar os pacientes com AVC na chegada ao hospital público e verificar as condutas adotadas no primeiro atendimento.	Pesquisa de campo
Melo et.al	2020	Associar o perfil clínico das pessoas com AVC aos desfechos pós-alta.	Estudo documental

Tabela 2. Informações dos estudos selecionados, especificando amostra resultados e conclusões.

Autor e ano	Amostra	Perfil epidemiológico	Perfil funcional e clínico	Conclusão
Araújo, Assis e Belchior; 2018	50 indivíduos, com idade acima de 18 anos, no período de fevereiro de 2017	A maioria dos indivíduos apresentam 67 anos ou mais, são do gênero feminino, alfabetizados, casados e com renda mensal familiar de um salário mínimo. Quanto ao tipo de AVC, 28% tiveram AVC isquêmico e 56% não soube informar. Quanto ao hemisfério cerebral acometido, 50% era o lado direito.	50% da amostra tiveram sequelas motoras e 12 % sensitivas. Na escala MIF: No item marcha e o uso de cadeira de rodas, 38% dos indivíduos apresentaram escore 7 (independência completa) e 34% apresentaram escore 1 (dependência total).	A amostra é, em sua maioria, mulheres com faixa etária elevada. A maior parte dos indivíduos apresentou uma limitação funcional e dificuldades em realizar suas atividades de vida diária (AVD's).
Barbosa et. al; 2021	O estudo analisou 386.453 casos de AVC na região	Houve aumento gradativo da doença no período analisado, com discreta prevalência no gênero masculino (50,8%). Em idades	O número de internações por AVC aumentou com o aumento da idade, sendo maior na faixa etária acima de 60	Observou-se, que o AVC é um problema frequente na região Nordeste, onde há elevada

	nordeste do Brasil, no período de 2010 a 2019.	mais jovens morre mais homens, enquanto em idades acima de 60 anos morre mais mulheres. No Nordeste os Estados com maior número de internações são Bahia, Pernambuco e Ceará.	anos em relação aos jovens.	quantidade de casos da doença. No estudo mostrou-se a predominância do sexo masculino e idade superior a 60 anos.
Caroline; Trigueiro e Gagliardi; 2019	Foi composta por 35 indivíduos que deram entrada no setor de saúde com diagnóstico de AVC.	Cerca de 51,40% (18) eram homens e 48,60% (17) mulheres, com idade entre 49-100 anos, a maioria de etnia parda 88,80% (31), com AVC isquêmico 26 (74,30%). Foram detectados hipertensão, diabetes mellitus e etilismo em 60% dos casos, tabagismo em 68,60%, sedentarismo em 97,50% e doença cardíaca em apenas 20% da amostra.	Em relação a Escala de Rankin, houve maior proporção no grau IV, com 51,40% (18) dos pacientes classificados com deficiência moderadamente grave.	o estudo vai de acordo com as pesquisas atuais, onde há um predomínio maior do sexo masculino, porém difere em relação a etnia. O AVC está cada vez mais comum em pessoas adultas, mas que não deixa de ter uma porcentagem maior em idoso.
Farias e Almeida; 2019	18 prontuários de jovens com AVC entre dezembro de 2011 a maio de 2018 internados no setor de neurologia do hospital	O perfil que se destaca é de mulheres com média de idade de 25,6 ± 2,8 anos. O AVC isquêmico foi mais frequente. Os fatores de riscos predominantes foram: HAS, doenças cardiovasculares, sedentarismo e o histórico familiar	As principais características clínicas descritas foram: disartria, hemiparesia e hemiplegia	Pôde-se concluir que o AVC isquêmico é o mais comum, e a maioria atingida entre os jovens, são as mulheres hipertensas, cardiopatas, sedentárias e com histórico familiar
Gonçalves, Feitosa e Borges; 2019	coleta de dados em 53 prontuários.	Os resultados evidenciam que 51% (27) das vítimas eram do gênero masculino, com idade entre 61-70 anos e 94% (50) com AVC isquêmico.	As sequelas em sua predominância prevaleceram em hemiparesia, hemiplegia, afasia e disfagia	O estudo mostrou que o estilo de vida está relacionado ao surgimento e desenvolvimento do AVC.
Macedo, et. al; 2019	amostra foi por conveniência composta por 10 pacientes	Não houve predominância de gênero e quanto à faixa etária dois tinham menos de 30 anos e os demais entre 50 e 75 anos. A maioria eram casados, com ensino	A maioria dos pacientes eram independentes para alimentação, continência urinária e intestinal. Uma alta porcentagem deles necessitavam de	Concluiu que é mais frequente o AVC isquêmico, sem predomínio de gênero, mais de 50 anos, casados, e renda familiar maior que

		médio completo e renda familiar em torno de até dois salários mínimos. Todos tiveram AVC isquêmico, e os fatores de risco identificados eram tabagismo, alcoolismo e cardiopatas.	ajuda ou são dependentes para atividades rotineiras. Quanto à locomoção e transferências, a maioria eram independente, mas com auxílio de cadeiras de rodas e ajuda para subir escadas.	dois salários mínimos. Os fatores de risco frequentes foram tabagismo, alcoolismo e cardiopatia. A maioria foi considerada semi-independente e dependente.
Melo et al; 2019	Participaram do estudo 433 pacientes	Não houve diferença significativa entre os sexos feminino (47,1%) e masculino (52,9%). A maior frequência de AVC foi na faixa de 70-89 anos (40,9%), com apenas 16,2% na faixa de 29-49 anos. Foi mais frequente: indivíduos sem escolaridade (41,2%), AVC isquêmico (68,5%) e os fatores de risco HAS (85,4%) e tabagismo (50,5%).	Na Escala Rankin, 48,8% tinham incapacidade funcional moderada, com incapacidade na marcha e dependência para AVD's "higiene pessoal". Apenas 6,2% não tinham incapacidade e 28,2% tinham incapacidade grave.	Conclui-se que a HAS, o AVC do tipo isquêmico e a dependência funcional Moderada foram os fatores mais frequentes encontrados nesse estudo.
Melo et.al; 2020	279 Prontuários	a amostra teve pequena maioria masculina (51,3%) com média de idade de 69,75 ± 13,31 anos (variou 24 - 100 anos). Cerca de 21,15 tinha idade inferior a 60 anos. Dentre os fatores de risco, destacaram-se os cardiovasculares em 210 pessoas (75,3%), metabólicos em 77 (27,6%) e estilo de vida em 44 (15,8%)	A permanência hospitalar menor de 10 dias em 184 pessoas (65,9%) e maiores de 10 dias (34,1%). Presença de incapacidade na alta ocorreu em 86 pessoas (30,8%), estava associada com idade maior de 60 anos e maior tempo de internação.	Tal conclusão remete à idade como fator promotor de complicações e reincidência de AVC. Já a permanência de internação hospitalar remeteu ao surgimento de complicações e déficits mais extensos.

Uma síntese sobre as principais informações expostas nos artigos selecionados está demonstrada na tabela 3.

Tabela 3: Síntese dos resultados do estudo

ARTIGOS SELECIONADOS	Nº	%
Número de artigos que mostra diferença entre gênero	7	87,5%

Número de artigos que não mostra diferença entre gênero	1	12,5%
Número de artigos que mostra em jovens	2	25%
Número de artigos que mostra em idosos	7	87,5%
Número de artigo que fala em funcionalidade (medidas em escala)	4	50%
Número de artigos em hospitais	7	87,5%
Número de artigos em centros	1	12,5%
Número de artigos que falam das sequelas	4	50%
Número de artigos que falam de fatores de risco	6	75%

O AVC é a causa mais frequente de mortes na população adulta e idosa segundo estatísticas brasileiras. É responsável por 847.694 internações nos últimos anos no Brasil. Dessas, 234.326 (27,6%) ocorreram na região nordeste do país. Nos anos de 2012 a 2014 o AVC causou 249.470 óbitos, onde 71.279 aconteceram no Nordeste (ALBUQUERQUE, 2020). Com bases nos estudos selecionados é notado um número elevado de casos na região nordeste, principalmente no estudo de Barbosa et al. (2021) onde é visto um aumento gradativo na região, O estudo analisou 386.453 casos de AVC ocorridos na região nordeste do Brasil, no período de 2010 a 2019. No último ano houve um aumento de cerca de 60% nas internações por AVC em comparação ao primeiro ano de observação.

Em jovens o AVC é considerado incomum, mas a sua incidência está aumentando e chega a corresponder de 10 a 15% de todos os enfermos com AVC, aumentando para os 25% se forem considerados os doentes em idade ativa (LUZIA PIMENTA, 2018) Dos estudos selecionados cerca de 87,5% foram realizados em pacientes com AVC em idades mais avançadas. Sendo pouco explorado os dados relacionados a pacientes que sofreram AVC em idade jovem, inferior a 45 anos de idade, embora os estudos mostrem um aumento no número de casos nos últimos anos nessa faixa da população (ALVES; SANTANA; AOYAMA, 2020). O que demonstra a pouca quantidade de estudos em adultos jovens na região Nordeste.

Quanto ao sexo, dos dois estudos que abordam o AVC em jovens, um identificou a maior incidência de casos em mulheres (FARIAS; ALMEIDA, 2019), já no outro estudo foi mostrando uma pequena diferença entre os gêneros sendo os homens a maioria dos casos (BARBOSA et. al, 2021). A literatura mostra o gênero feminino nessa faixa etária com maior incidência. Segundo Ferezin, Castro e Ferreira (2020), o sexo feminino no Brasil tem apresentado maior incidência de AVC, a

patologia ocupa entre as mulheres o segundo lugar nos rankings das causas principais de morte.

Segundo um estudo sobre o comportamento epidemiológico do AVC, no Brasil, o sexo feminino apresenta as maiores taxas de prevalência e mortalidade, com redução das taxas de mortalidade para o sexo masculino (BENETTI et. al 2019). Ferreira et al. (2018) em seus resultados descreveu que dentre as 55 participantes do estudo, houve predomínio de mulheres entre 30 e 35 anos de idade (36,36%), seguidas pelas faixas etárias entre 50 e 59 anos (27,28%), entre 40 e 45 anos (21,82%) e entre 18 e 25 anos (14,54%).

Ferreira et al. (2018) citou em seu artigo que as mulheres são o gênero mais afetado pelas consequências do AVC, o autor cita que além do trabalho profissional fora de casa, as mulheres são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, e em muitos casos exercidas totalmente por elas; o que pode acabar sendo uma fonte de estresse e associado ao fator, idade, predispõe a maior acometimento de AVC após a menopausa, tornando a população feminina mais vulnerável a doenças cardiovasculares e cerebrovasculares.

Já na população idosa, cerca de 5 dos 7 artigos que abordam essa faixa etária, descrevem uma porcentagem maior de caso no sexo masculino, o que está de acordo com estudos como o de Vaz et al. (2020) que em sua pesquisa, revelaram que o sexo masculino foi o mais acometido, sendo responsável por 55,46% das internações por AVC. Para Damata et al. (2016), no município de Picos, no Estado do Piauí, o sexo masculino foi responsável por 65% dos casos de AVC. Um dos artigos analisados mostrou porcentagem igual para os gêneros e um citou uma incidência maior em mulheres.

Com base nos estudos analisados e a maioria dos estudos citados nessa pesquisa pode-se averiguar que a porcentagem dos casos de AVC não varia muito entre homens e mulheres. A definição do gênero quanto ao AVC depende, do local do estudo, dos hábitos de vida e da faixa etária da amostra. Nos jovens, a taxa de incidência em mulheres prevaleceu já nos idosos o sexo masculino foi o mais afetado nas pesquisas analisadas.

Em relação ao tipo de AVC, cerca de 100% dos estudos da pesquisa identificaram o AVC do tipo isquêmico (AVCI) como o mais frequente entre os casos, o que vai de acordo com a literatura. Carvalho et al. (2019) encontraram em sua pesquisa a maior prevalência do AVCI nos dados analisados dos prontuários,

demonstrando a importante preeminência do AVCI sobre as manifestações hemorrágicas: cerca de 80 a 85% das doenças vasculares cerebrais são isquêmicas.

O AVCI ocorre em 85 % dos casos, no entanto o AVC hemorrágico é mais devastador, podendo ser dos tipos: hemorragia intraparenquimatosa (HIP) no parênquima cerebral ou a hemorragia subaracnóidea (HRS) entre as membranas pia-máter e aracnóide. Estas situações irão gerar um aumento da pressão intracraniana onde pode haver morte súbita do acometido (ALVES; SANTANA; AOYAMA, 2020).

Dos estudos usados como amostra para essa pesquisa 6 dos 8 artigos destacam os fatores de risco da doença, destes 5 evidenciam a hipertensão como fator de risco mais prevalente. Outros fatores encontrados na maioria das pesquisas analisadas são o etilismo, sedentarismo, cardiopatias, diabetes e tabagismo. Para Botelho et al. (2016). Os principais fatores de risco do AVC dividem-se em três grupos, sendo eles modificáveis (HAS, tabagismo, diabetes mellitus), não modificáveis (Idade, gênero, hereditariedade, raça) e de potencial risco (tais como sedentarismo, obesidade, alcoolismo).

Tem sido observado no decorrer dos anos um crescimento considerável na incidência de AVC, o aumento da longevidade é um fator importante para o desenvolvimento da doença, sendo a idade um dos principais fatores de risco não modificáveis, pois o envelhecimento é um processo natural do ser humano (ALVES PEREIRA et al., 2019). Esses achados são analisados por Barbosa et al. (2021), que concluíram que o número de internações por AVC aumentou com o aumento da idade, sendo maior na faixa etária acima de 60 anos em relação aos jovens.

Alguns fatores de risco atualmente estudado e bem presentes são: o estresse, pois ele causa o aumento na produção de glóbulos branco no organismo e essa produção exagerada aumentam o risco de obstrução das artérias, e o sedentarismo que está associado a obesidade, dislipidemias e a alimentação incorreta e tendem a aumentar as chances de AVC, pois favorece a obstrução ou diminuição do fluxo sanguíneo, por conta da demasia de gordura que se acumula nas paredes das artérias (ALVES PEREIRA et al., 2019).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) relatam que a exposição a fatores de risco cardiovascular levou a 36 milhões de mortes prematuras de 2011 a 2015 (ALBUQUERQUE et al., 2020). No Brasil o AVC é a principal causa de morte nas mulheres em idade fértil, um fator de risco para o desenvolvimento da doença nesses indivíduos são os contraceptivos

orais, principalmente sendo usado por mulheres fumantes (ALVES; SANTANA; AOYAMA, 2020).

Quanto as sequelas, 50% dos estudos apresentavam dados para a variável, destes três citaram apenas sobre as incapacidades, e os resultados para ambos foi predominância em pacientes com AVC de incapacidades moderadas, principalmente para marcha, equilíbrio e algumas atividades de vida diária. Cerca de 70% dos acometidos não voltam a trabalhar diante das sequelas e 50% têm dificuldade para realização das suas atividades de vida diárias (CARVALHO et al., 2019). Calcula-se que em torno de 20% dos acometidos pela doença são incapazes de sair na rua sozinho, além de ser conhecido o risco elevado de quedas nesses indivíduos (LUZIA PIMENTA, 2018).

Para Melo et al. (2019) o surgimento de incapacidades moderadas, tornando os indivíduos dependentes para atividades básicas como de higiene pessoal, sendo assim um forte fator para indicação de reabilitação. Já o estudo de Melo et al. (2020) mostraram que a presença de incapacidade na alta hospitalar ocorre em 30,8% dos pacientes e estava associada com idade avançada e maior tempo de internação.

Nas pesquisas que analisaram o lado afetado, encontraram em seus resultados o hemisfério esquerdo como o mais acometido, indo de acordo com os estudos como o de Santos e Waters (2020). Alterações motora como a fraqueza muscular (hemiparesia) em um hemicorpo, afeta mais de 80% dos acometidos por AVC, tendo como consequência o dano na funcionalidade. Esses achados corroboram com os resultados dos estudos de Farias e Almeida (2019) e Gonçalves, Feitosa e Borges (2019) que demonstraram ser a hemiparesia/hemiplegia e alterações na fala as sequelas mais prevalentes nesses pacientes.

Já Vasconcelos et al. (2017) em sua pesquisa descreveram que em 70% dos quadros, o hemisfério cerebral atingido é o direito. Anatomicamente o córtex temporal superior direito é uma das principais regiões cerebrais que sofre uma lesão e pode gerar o quadro de heminegligência. Existem alguns tipos de heminegligência entre eles estão a visual e a tátil. Outras sequelas manifestadas pelo AVC, incluem incapacidades residuais, por exemplo nas partes do corpo afetadas pode haver rigidez, perda da mobilidade das articulações, problema de memória, dificuldade de comunicação oral e escrita, incapacidades sensoriais e dores difusas (ESTRELA, et al., 2018).

4. CONCLUSÃO

Os achados nessa revisão integrativa revelam que o AVC é um problema frequente na região Nordeste, com altas taxas acometimento. Os resultados mostram que o AVC está cada vez mais frequente entre os jovens e adultos, o presente estudo constatou que as pessoas mais afetadas são idosos do sexo masculino, o tipo de AVC mais prevalente foi o isquêmico, os fatores de risco identificados, são hipertensão, etilismo, cardiopatias, tabagismo, sedentarismo e diabetes. Quanto as sequelas, a pesquisa identificou que a prevalência é maior para a hemiparesia, hemiplegia, disartria, afasia e disfagia, os dados mostraram que a maioria dos acometidos apresentou alguma limitação funcional imposta pela lesão, além de dificuldades em realizar suas atividades de vida diária.

Tal conclusão remete à importância de ações de prevenção para o AVC, principalmente na atenção básica, para a orientação da população sobre os fatores de risco, sinais e sintomas para a patologia, além de serem, feitas as ações em saúde, tanto para as pessoas com idades elevadas, quanto as de idades mais precoces, já que os casos vem aumentando entre os jovens e em sua maioria essa população não sabem, que determinado estilo de vida, pode levar ao surgimento de doenças como o AVC. E importância de serem feitas novas pesquisas sobre o tema principalmente com faixas etárias ativas, e em cidades, menos desenvolvidas no interior do nordeste.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE ELIAS. Et al. Fatores de risco para acidente vascular encefálico em jovens: Uma comparação entre homens e mulheres. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020
- ALMEIDA, L. G. DE; VIANNA, J. B. M. Perfil epidemiológico dos pacientes internados por acidente vascular cerebral em um hospital de ensino. **Revista Ciências Em Saúde**, v. 8, n. 1, p. 12–17, 2018.
- ALVES PEREIRA, T. M. Et al. Avaliação do perfil dos fatores de risco para Acidente Vascular Cerebral: estudo observacional. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 9, n. 1, p. 37–44, 2019
- ALVES, C. L., SANTANA D S., AOYAMA E. A. Acidente vascular encefálico em adultos jovens com ênfase nos fatores de risco **ReBIS Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**. v.2, 2020.

AZEVEDO, G. V. O., ARAÚJO, A. H. V., SOUZA, T. A. Aspectos epidemiológicos do acidente vascular encefálico na Paraíba em 2016. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, p. 236-241, 2018.

BAPTISTA, S. C. P. D. Et al. Avaliação Dos Indicadores De Óbito E Incapacidade Dos Pacientes Atendidos Em Uma Unidade De Acidente Vascular Cerebral. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 27, n. 2, p. 1–9, 2018.

BARBOSA, A. M. Et. al. Perfil epidemiológico dos pacientes internados por acidente vascular cerebral no nordeste do Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, 2021.

BENETTI, L. M. Acidente vascular cerebral em adultos jovens: análise dos registros do sistema de informação hospitalar. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, v. 9, n. 27, p. 54, 2019.

BOTELHO, THIAGO Et al. Epidemiologia do acidente vascular cerebral no Brasil. **Temas em saúde**, v. 16, n. 2, p.361–377, 2016.

CAROLINE, A., TRIGUEIRO, Q., & GAGLIARDI, R. J. Perfil clínico e funcional de pacientes acometidos por acidente vascular cerebral no município de patos-pb. **Temas em Saúde**.v.19, n.1, 2019.

CARVALHO, V. P., LEONARDO, H., RIBEIRO, S., VIEIRA, B., & DA ROCHA, E. Perfil clínico-epidemiológico de pacientes com acidente vascular cerebral. **Revista Saúde e Desenvolvimento** v.13, n.15, 2019.

DAMATA, S. R. R. Et al. Perfil epidemiológico dos idosos acometidos por acidente vascular cerebral. **Revista interdisciplinar**, v. 9, n. 2317–5079, p. 107–117, 2016.

ESTRELA, THAYSA et al. Avaliação da funcionalidade de pacientes com sequelas de acidente vascular cerebral através da escala de Rankin. v. 19, n. 5, 2018.

FARIAS, F. N. Q. F. Q.; ALMEIDA, M. A. DE. Características epidemiológicas, clínicas e tratamento ofertado a jovens com acidente vascular cerebral. **Saúde (Santa Maria)**, v. 45, n. 1, 2019.

FEREZIN, S. M. R.; CASTRO, B. M. DA C.; FERREIRA, A. A. Epidemiologia Do Ataque Isquêmico Transitório No Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 61125–61136, 2020.

FERNANDES GUERRA, Z. Et al. Avaliação da capacidade funcional pós acidente vascular cerebral (AVC). **Revista Brasileira De Ciências Médicas E Da Saúde**, v. 49, p. 2–5, 2017.

FERREIRA DA, M. B, Et. al. Conhecimento e riscos para acidente vascular cerebral em mulheres. **SANARE** - v.17 n.02, p.06-12, 2018.

GALDINO, Et. al. Perfil de Pacientes Acometidos por Acidente Vascular Encefálico em Um Centro de Referência no Sertão Paraibano. **Temas em Saúde**.v.19, n.1, 2019.

GONÇALVES, J. L., FEITOSA, E. S., & BORGES, R. T. Perfil epidemiológico de vítimas de acidente vascular encefálico em um hospital de referência do Ceará/Brasil. **Rev. Interd.** v. 12, n. 2, p. 92-103, 2019.

JUNIOR, S. L. A.; LIMA, A. M.; SILVA, T. G. DA. Atuação dos profissionais fisioterapeutas na reabilitação do paciente vítima de acidente vascular encefálico. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 3, p. 179–183, 2016.

LUZIA PIMENTA, C. Acidente vascular cerebral em idade ativa: caracterização dos utentes enviados para a fisioterapia. v. 45, p. 27–34, 2018.

MELO, L. P. DE, OLIVEIRA; Et. al Admissão de Pacientes com Acidente Vascular Cerebral em Hospital Público. **Cadernos de educação, saúde e fisioterapia**, v.6 n. 12, 2020.

MELO Et. al Acidente Vascular Cerebral: caracterização clínica e desfechos Pós-alta. **Research, Society and Development.** v.9 n.9, 2020.

MOURÃO, A. M. Et. al. Perfil dos pacientes com diagnóstico de AVC atendidos em um hospital de Minas Gerais credenciado na Linha de Cuidados. **Revista Brasileira de Neurologia**, v. 53, n. 4, p. 12–16, 2017.

SANTOS ARAÚJO, L., CAMPOS DE ASSIS, S., & CRISTINA SOARES DE BELCHIOR, A. Avaliação da funcionalidade de pacientes com sequelas de acidente vascular cerebral por meio da escala MIF. **In Fisioterapia Brasil.** v. 19, 2018.

SANTOS, L. B.; WATERS, C. Perfil epidemiológico dos pacientes acometidos por acidente vascular cerebral: **revisão integrativa.** **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 2749–2775, 2020

VASCONCELOS, L. Et al. Perfil Dos Indivíduos Com Alterações Funcionais Características De Heminegligência Após AVC. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 7, n. 2, p. 244–254, 2017.

VAZ, D. W. N, Et. al. Perfil epidemiológico do Acidente Vascular Cerebral no Estado do Amapá, Brasil. **Research, Society and Development**, V.9 N.8, 2020.